

AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO SOB O ENFOQUE DA PSICOPEDAGOGIA¹

Cláudia Inês Kaim Pieniz²

Máxima Graziela Ortolan Schmit³

RESUMO: O presente trabalho visa analisar a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e nas relações pedagógicas entre professor e aluno. Com alicerce na visão de alguns teóricos, o artigo trata da importância do vínculo afetivo, na relação professor e aluno, no processo de aprendizagem sob o olhar da psicopedagogia, visto que é a inclusão ou não do afeto no processo educativo que norteará a conduta do educando na vida pessoal e social. De acordo com nossa pesquisa bibliográfica, os profissionais da educação, devem refletir sobre a importância de uma tomada de consciência dos educadores visando possibilitar ao aluno, um desenvolvimento afetivo amplo e sadio, que o leve a construção de uma personalidade autônoma, agindo como sujeito de si mesmo na construção do conhecimento. Nessa perspectiva, cabe ao psicopedagogo realizar um trabalho de avaliação das causas e dificuldades que o aluno apresenta, e a partir dessas, desenvolver atividades de intervenção que priorize o desenvolvimento da aprendizagem do educando nas diferentes áreas do conhecimento. Além de possibilitar ao mesmo, a superação de suas dificuldades relacionadas à afetividade. Conseqüentemente, a psicopedagogia pode realizar um trabalho entre os profissionais da escola, buscando o conhecimento e desenvolvimento das aptidões do educando, que venham contribuir para que esses sejam capazes de olhar sua realidade, de saber interpretá-la e de nela ter condições de interferir com autonomia e competência. Dessa forma, o psicopedagogo também contribuirá na evolução do ambiente escolar para que melhore as condições educacionais oferecidas por esse, melhorando nesse contexto, as condições de vida de nossos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: psicopedagogia, afetividade, professor, educando.

ABSTRACT: This study aims to examine the importance of affectivity in the teaching and learning process and the pedagogical relationship between teacher and student . With foundation in view of some theorists , the paper discusses the importance of the affective bond in the teacher and student in the teaching learning process , from the perspective of educational psychology , as is the inclusion or not of affection in the educational process that will guide the conduct of the student 's personal and social life . According to our research the professional education should reflect on the importance of an awareness of educators view to making the student a broad and healthy emotional development , the lightweight construction of an autonomous personality, acting as the subject himself the construction of knowledge . From this perspective it is up to psychopedagogists conduct a job evaluation of the causes and difficulties that the student has , and from these , develop intervention prioritises the development of

¹ Artigo apresentado para conclusão de especialização em Educação Infantil, Alfabetização e Letramento.

² Pedagoga, graduada em Pedagogia pela UNEMAT, MT com especialização em Educação Inclusiva pela FAMA, RO.

³ Pedagoga, graduada em Pedagogia pela AVEC, RO, com especialização em Ensino Fundamental e Médio numa visão Interdisciplinar INIRONDONOM.

learning of the student in different areas of knowledge activities . In addition to enabling even overcoming their difficulties related to affectivity . Consequently, psychoeducation can perform work among school professionals seeking knowledge and skill development of the student , which may contribute to them to be able to look your reality , to know and interpret it in her to be able to interfere with autonomy and competence. Thus the educational psychologist will also help in the evolution of the school environment to improve educational conditions offered by that , in this context improving the lives of our students .

KEY WORDS: psychoeducation, affectivity, teacher, student.

1. INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia constitui-se, a princípio, em dois saberes: psicologia e pedagogia; que vai muito além da simples junção dessas duas palavras, isto significa que é muito mais complexa do que a simples aglomeração de dois vocábulos, visto que visa identificar a complexidade inerente ao que produz o saber, e o não saber. É uma ciência que estuda o processo de aprendizagem humana, sendo o seu objeto de estudo, o ser em processo de construção e reconstrução do conhecimento. Esse ramo de conhecimento surgiu no Brasil devido ao grande número de crianças com fracasso escolar e o fato de a Psicologia e a Pedagogia, isoladamente, não oferecerem soluções para tais fracassos.

Discorrendo sobre esse assunto, nossa pesquisa descreve um breve histórico do surgimento da Psicopedagogia; o campo de trabalho do psicopedagogo, podendo este ser clínico ou institucional; atuando de forma preventiva ou terapêutica. Na preventiva, o psicopedagogo pode desempenhar uma prática docente, envolvendo a preparação dos profissionais da educação ou atuar dentro da própria escola. Na linha terapêutica, o psicopedagogo trata das dificuldades de aprendizagem diagnosticando, desenvolvendo técnicas remediativas, orientando pais e professores, estabelecendo contato com outros profissionais das áreas psicológicas, fonoaudiológicas e educacionais.

Descrevemos a seguir a visão de vários autores sobre o vínculo existente entre professor e aluno, ou seja, a afetividade que permeia essa relação durante o ato de ensinar e aprender, respectivamente. Bem como a necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem do aluno, e como a afetividade colabora para que essa aconteça efetivamente de forma qualitativa a quantitativa.

Ao psicopedagogo cabe estimular o desenvolvimento de relações interpessoais, o estabelecimento de vínculos, a utilização de métodos de ensino que procurem envolver a equipe escolar, ajudando a ampliar o olhar em torno do aluno e das circunstâncias de produção de conhecimento. Nesse sentido, estará ajudando a superar os obstáculos que interpõe o seu processo de aprendizagem. A afetividade vai determinar a interação desse aluno com o meio educativo do qual faz parte, contribuindo para o desenvolvimento deste, nos seus aspectos psicológicos e sociais, bem como os que envolvam o aprendizado de conteúdos institucionais.

2. PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia teve seus primeiros estudos na Europa por volta de 1946, quando profissionais da saúde, filósofos e educadores iniciaram uma discussão acerca do comportamento humano no que se refere ao processo de aprendizagem. A preocupação em questão se fazia em distinguir os elementos que interferem na aprendizagem dos alunos, bem como em comparar o comprometimento físico, mental, social e sensorial dos alunos no processo de aprendizagem (BOSSA, 2000). Segundo a autora, é nessa vertente que a Psicopedagogia chega à Argentina na década de 1970. Após um ano de estudos, os pesquisadores verificaram que apesar de os pacientes apresentarem nível satisfatório de superação no que se refere aos problemas de aprendizagem, evidenciaram os distúrbios de personalidade perante o novo quadro clínico dos pacientes.

Quando a Psicopedagogia chegou ao Brasil na mesma década de 1970, as dificuldades de aprendizagem eram associadas a uma disfunção neurológica denominada de disfunção cerebral mínima (DCM) que virou moda nesse período, servindo para camuflar problemas sociopedagógicos (YEGASHI, 1998).

Podemos considerar a Psicopedagogia como um campo de conhecimento e de atuação dirigida para o processo de aprendizagem humana, que vem gradativamente tomando seu espaço principalmente nas instituições educacionais. Seu objeto de estudo é o cognoscente, ou seja, o sujeito que se dirige para a realidade e dela retira um saber, o qual se faz necessário para seu desenvolvimento.

Segundo Yeagashi (1998), a Psicopedagogia surgiu da necessidade de compreender o processo educacional de uma maneira interdisciplinar, buscando, para realizar esse desafio de compreensão, fundamentos na pedagogia, na psicologia e em diferentes áreas de atuação. Podem ser muitas as razões que determinam o sucesso ou o fracasso escolar de um aluno, tais como fatores fisiológicos, psicológicos, sociais ou pedagógicos. Cabe aos educadores e aqui em especial, o psicopedagogo identificar os diferentes fatores que envolvem as dificuldades de cada indivíduo e buscar recursos para amenizar e ou eliminar esses fatores que interferem no processo educativo.

A Psicopedagogia segundo Scoz (1992) estuda e trabalha com o processo de aprendizagem e suas dificuldades, englobando, numa ação profissional, vários campos de conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. Nesses termos, a Psicopedagogia tem caráter preventivo e terapêutico. Preventivamente ela pode atuar no âmbito escolar, como também na família e na comunidade. Terapeuticamente ela tem um papel mais contundente, onde deve identificar, analisar, planejar e intervir por meio das etapas de diagnóstico e tratamento.

Na instituição escolar a Psicopedagogia pode e deve ser pensado como sendo um apoio de importante função social: a de sociabilizar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta dentro de um projeto social mais amplo. Nessa definição, a escola é responsável por grande parte da aprendizagem do ser humano.

No que se refere à Psicopedagogia institucional, a instituição é considerada o sujeito, formada por sua complexa rede de relações. Onde o psicopedagogo tem seu trabalho voltado para a construção do conhecimento do sujeito, que aqui se refere à instituição, envolvendo a sua filosofia, com seus valores e com sua ideologia. Na Psicopedagogia clínica, o psicopedagogo vai desempenhar seu papel investigando a relação do sujeito com sua história pessoal e o tipo de aprendizagem. Na prevenção, são avaliados os procedimentos que interferem no processo de aprendizagem, onde há participação biológica, afetiva e intelectual.

Na Psicopedagogia institucional, o espaço físico e psíquico da aprendizagem é objeto de estudos, uma vez que são avaliados os processos didático-metodológicos e a dinâmica institucional que interferem no processo de aprendizagem. Segundo Bossa (2004), na sua função preventiva, cabe ao profissional:

[...] Detectar possíveis perturbações no processo de aprendizagem; participar da dinâmica das relações da comunidade educativa, a fim de favorecer processos e integração e troca; promover orientações metodológicas de acordo com as características dos indivíduos e grupos; realizar processos de orientação educacional, vocacional e ocupacional, tanto na forma individual quanto em grupo (BOSSA, 2004, p. 30).

De acordo com Alves (1993) e Bossa (2004), a Psicopedagogia é um campo no qual floresceu o conceito de *sujeito autor*, ou seja, uma área de estudos interdisciplinares que olha para o sujeito como um todo no contexto no qual está inserido, que estuda os caminhos do sujeito que aprende e apreende, adquire, elabora, saboreia e transforma em saber o conhecimento.

Para Bossa (2004), a Psicopedagogia é concebida com uma configuração clínica, ainda que sua prática se dê em um enfoque preventivo e esse caráter clínico signifique levar em conta a singularidade do processo a ser investigado, recorrendo tanto aos diagnósticos e as intervenções que lhe são comuns no trabalho institucional e clínico. Para a autora, o termo distingue-se em três conotações: como uma prática, como um campo de investigação do ato de aprender e como um saber científico.

O psicopedagogo é o profissional apontado para auxiliar e elucidar a escola a respeito de múltiplos aspectos do processo de ensino-aprendizagem como também tem uma função preventiva. Na instituição escolar, o psicopedagogo terá entre outras a competência de colaborar no esclarecimento de dificuldades de aprendizagem que não tem como causa apenas deficiências do aluno, mas que é conseqüência de problemas escolares, como a organização da instituição, os métodos de ensino, as relação professor/aluno, linguagem do professor, bem como das suas estruturas cognitivas, de suas questões emocionais, da sua resistência em lidar com o novo ou outra derivação que possa apresentar. Dessa forma, o psicopedagogo vai atuar junto com a família/alunos que apresenta dificuldades de aprendizagem, apoiado em uma visão holística, levando-o a aprender a lidar com seu próprio modelo de aprendizagem.

Nessa perspectiva, “o psicopedagogo não é um mero “resolvedor” de problemas, mas um profissional que dentro de seus limites e de sua especificidade, pode ajudar a escola a remover obstáculos que se interpõe entre os sujeitos e o conhecimento e a formar cidadãos por meio da construção de práticas educativas que favoreçam processos de humanização e reapropriação da capacidade de pensamento crítico” (TANAMACHI, 2003, p. 43).

2.1. Afetividade

A afetividade é considerada como imprescindível no processo de desenvolvimento da criança. Wallon (1968) defende que, no decorrer de todo desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem papel fundamental. Tem o papel de comunicação nos primeiros meses de vida através de impulsos emocionais, estabelecendo relações da criança com o mundo. É ainda, através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando seu avanço.

Para Wallon (1978), o conhecimento do mundo objetivo é feito de modo sensível e reflexivo, envolvendo o sentir, o pensar, o sonhar e o imaginar. Afirma ainda, que a criança acessa o mundo simbólico por meio das manifestações e relações afetivas que permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. Defende que a afetividade é a fonte do conhecimento.

No processo de desenvolvimento e aprendizado, a afetividade leva o indivíduo a descobrir suas potencialidades e desenvolvê-las através de sua interação com o outro, bem como o seu autoconhecimento. Dessa forma, o aspecto afetivo é um elemento importante que deve ser considerado no processo de aprendizagem.

A psicanálise ressalta que a afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos e acompanhados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza; e afeto, o termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã, exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud (1996), toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.

É extremamente importante que possa existir um vínculo afetivo para que se possam compreender as necessidades e o comportamento dos alunos, bem como suas limitações. A partir do momento em que o aluno confia em seu professor, em que há um vínculo de respeito mútuo e de amizade, cria-se um ambiente favorável ao aprendizado onde o retorno do aluno para com as atividades educativas vai ser ampliado. Conforme

ressaltado por Fernández (1991, p. 52): “Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”.

Segundo Marchand (1985), na prática pedagógica, podem surgir entre professor e aluno, sentimentos de atração ou de repulsão. Essas atitudes sentimentais têm o poder de influenciar a metodologia com risco de alterá-la, provocando no aluno, rudes transformações afetivas que podem ser consideradas desfavoráveis ao ensino.

“O poder do professor é maior do que do livro, e a qualidade do diálogo estabelecido entre professor e aluno é importante para uni-los, criando um laço especial, ou para separá-los, criando obstáculos intransponíveis” (MARCHAND, 1985, p. 19). Nessa relação professor/aluno, percebemos a importância do vínculo entre esses, com a finalidade de aprimorar e de consolidar o processo de ensino aprendizagem, objetivando o pleno desenvolvimento do aluno, dentro de suas potencialidades e necessidades.

O trabalho do educador é analisado por Codo e Gazzotti (2002), “o melhor”, porque é ele quem controla o processo produtivo, tem liberdade de criação e ação, além de ordenar tipos e seqüências de atividades. Também é considerado um trabalho dos mais delicados porque necessita de um investimento afetivo na relação professor-aluno, principalmente por parte do educador, a afetividade não deve ser deixada de lado, pois ela é um fator indispensável nesse processo, visto que, funciona como elo de sedução entre educando e educador.

Chalita (2004, p. 230) afirma que “o grande pilar da educação é a habilidade emocional”, portanto, dentro do ambiente escolar, é impossível desenvolver as habilidades cognitivas e sociais, sem que haja um trabalho voltado para as emoções. Ressaltamos que os vínculos desenvolvidos entre alunos e professores podem ser duradouros quando formados a partir da confiança e de laços afetivos, principalmente nos primeiros anos escolares. O professor precisa ser muito cauteloso com seu trabalho e suas atitudes, é necessária uma atenção especial, levando em consideração que os alunos têm as emoções muito instáveis, o que pode levar a uma quebra de vínculos a consolidação dessa relação afetiva entre professor e aluno vai depender da habilidade do educador.

Tendo conhecimento que o foco principal do trabalho do educador é a aprendizagem do aluno, alguns fatores são importantes para que ocorra essa

aprendizagem, tais como: capacidade intelectual e vontade de aprender, por parte do aluno; conhecimentos e capacidade de transmitir conteúdos por parte do educador; apoio dos pais nas atividades extraclasse e outros. Nesse sentido, é a afetividade o grande estimulante na efetivação do conhecimento. Portanto, quando o professor se dispõe a ensinar e o aluno a aprender, vai se constituir uma corrente de elos afetivos que propicia uma troca entre ambos, onde a motivação, a boa vontade e o cumprimento dos deveres acabam deixando de ser tarefas árduas para o aluno passando a ser considerado algo prazeroso, esse envolvimento do aluno se transforma em estímulo para o professor. Fazendo com que este desempenhe seu papel com mais criatividade, interesse e disposição, levando o aluno à efetivação de seu aprendizado.

Baseando-se em Vygotsky (1994) e em Wallon (1968), acredita-se que a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno se constitui um elemento inseparável no processo de construção do conhecimento. O professor tem papel fundamental no desenvolvimento do aluno. Muitas vezes, ele é a única pessoa que pode reconhecer esse aluno como ser dotado de sonhos, desejos e muita vontade de mudar a história de sua existência.

O que é preciso ficar claro que tratar o aluno com afeto não significa tratá-lo com beijos, abraços ou procurando agradá-lo, significa apenas que devemos acordar e tomar atitudes que nos leve a sair de nossa indiferença, porque essa “indiferença” é justamente a falta de afetividade. Não podemos mais fazer de conta que não sentimos nada diante do que acontece em nossa volta, que toda essa violência e falta de perspectiva e objetivos dos e com os alunos, não nos atinge.

A capacidade de sentir nos faz seres privilegiados e com capacidade de transformar o mundo a nossa volta. A cada dia percebemos a necessidade da escola se humanizar, de se impor como parte de um todo que esta a cada dia mais evidente sua fragilidade onde nossos alunos necessitam de novos objetivos diante de tantas diferenças e problemas sociais que acarretam nossa sociedade atual.

Em uma escola onde a afetividade é levada em consideração possivelmente formará indivíduos com condições para lidar com seus sentimentos o que contribuirá para um mundo menos agressivo. Para que isso aconteça, é preciso que haja uma relação de respeito e cumplicidades entre professor e aluno.

2.2. A afetividade e a intervenção psicopedagógica

Ao pensarmos em intervenção do psicopedagogo em um primeiro momento cabe ressaltar a importância de se realizar uma avaliação junto ao aluno encaminhado, e através desta identificar os problemas de aprendizagem, necessitando conhecê-lo em seus potenciais construtivos e em suas dificuldades, encaminhando-o, por meio de um relatório, quando necessário, para outros profissionais tais como psicólogo, fonoaudiólogo, neurologista, que realizam diagnóstico especializado e exames complementares com o objetivo de favorecer o desenvolvimento da potencialização humana no processo de aquisição do saber.

É importante salientarmos que ao psicopedagogo cabe realizar entrevistas, avaliações, atividades lúdicas e usar diferentes instrumentos para identificar essas barreiras que interferem no aprendizado, muito das quais sabemos serem causadas por fatores afetivos. Nessa perspectiva, o psicopedagogo necessita criar laços afetivos e vinculares com esse indivíduo, a fim de consolidar a confiança entre ambos para que as intervenções consigam atingir seu objetivo de despertar neste aluno o querer aprender e a aceitar o que o outro oferece. Muitas das vezes o psicopedagogo terá o papel de instruir, orientar pais, professores e o próprio indivíduo a fim de conseguirem lidar com os obstáculos referente à aprendizagem e tornando-o sujeito ativo e protagonista desse processo.

Consideramos que seja indispensável se estabelecer uma relação afetiva entre professor e aluno, para se garantir que o ato de educar tenha sucesso completo. A afetividade pode ser um meio para uma aprendizagem significativa. Sem ela podemos dizer que até há algum tipo de fixação de conteúdo, mas não será uma aprendizagem significativa, nada que prepare esse indivíduo para uma vida futura deixando, lacunas no processo de ensino aprendizagem.

Segundo Freire (1983), não existe educação sem amor. "Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais" (FREIRE, 1983, p. 29). O autor ainda resalta, que o professor precisa estar aberto ao gosto de querer bem. Essa perspectiva, não quer dizer que o professor tenha que querer bem a todos os alunos da mesma forma e na mesma intensidade, mas que ele não deve permitir que sua afetividade ou falta dela, interfira no cumprimento do seu dever de educador. Essa disponibilidade para o querer bem, significa uma cumplicidade para a

alegria, para o afeto, para o amor. Contudo, é preciso ficar atento para a necessidade de fazer do afeto uma das ferramentas no ato de educar, pois, a inclusão ou não do afeto no processo educativo definirá se a sala de aula funcionará como espaço de verdadeira aprendizagem ou como espaço apenas para passar o tempo e concluir os níveis educacionais.

Codo e Gazzotti (2002), definem a palavra seduzir como “trazer para o seu lado”. Isto significa que o professor precisa fazer um trabalho de conquista, levando o aluno confiar nele, a acreditar que determinado conteúdo lhe será útil. Isto é sedução e afetividade. Para essa conquista, é fundamental que a criança seja estimulada em sua criatividade e que sejam respondidas suas curiosidades por meio de descobertas concretas, desenvolvendo sua auto-estima, criando uma maior segurança, confiança, imprescindível à sua vida adulta.

Quando o professor se propõe a realizar essa conquista sedutora, repleta de energia afetiva ele transfere seus conteúdos e o aluno fixa seu conhecimento, afirmam Codo e Gazzotti (2002), ou seja, “(...) é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino-aprendizagem”.

Para que o professor favoreça a construção desses vínculos afetivos, precisa criar situações educativas, que envolvam as vivências coletivas, onde o aluno possa ter seus hábitos, ritmo e preferências individuais respeitadas, suas faltas ouvidas e compreendidas, possibilitando assim, o fortalecimento de sua autoconfiança.

A prática psicopedagógica deve trilhar um caminho de vivência humanizadora, afetiva, da compreensão do outro, da busca incessante de boas relações do indivíduo consigo mesmo e com o meio, enfatizando a pessoa num todo, onde os sentimentos sejam considerados como forma de transformar o sujeito.

Chalita (2004, p. 230) afirma que “o grande pilar da educação é a habilidade emocional”, portanto, mesmo em ambiente escolar, é impossível desenvolver as habilidades cognitivas e sociais, sem trabalhar a emoção. Um trabalho desenvolvido com base no afeto facilita o processo ensino-aprendizado, e é esse desempenho que se espera do profissional que trabalha com a Psicopedagogia, o resgate do afeto em nossas escolas.

Acreditamos que “não dá para ensinar pensando apenas na cabeça do aluno, pois o coração também é importante” (MELLO, 2004: 18), no mundo em que vivemos, é necessário que a escola e seus profissionais busquem se empenhar não apenas com o desenvolvimento cognitivo do educando, mas, sobretudo com seu desenvolvimento socioemocional.

2.3. Análise comparativa

Reafirmando o que nos diz Freire “não existe educação sem amor”. “Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais” (FREIRE, 1983, p. 29). Onde a interação e a comunicação são fatores importantes e devem estar presentes na relação professor-aluno. Pois, quando os alunos realmente são afetados pela escola e por seus professores, essa ação deriva numa aprendizagem efetiva com indivíduos alegres, ativos e participativos.

Compartilhamos da idéia que o trabalho psicopedagógico tem como objetivo principal, trabalhar os elementos que envolvem a aprendizagem de maneira que os vínculos estabelecidos sejam sempre bons. A relação dialética entre sujeito e objeto deverá ser construída positivamente para que o processo ensino-aprendizagem seja de maneira saudável e prazerosa.

Ao psicopedagogo cabe o desenvolvimento de atividades que ampliem a aprendizagem faz-se importante, através de jogos e da tecnologia que está ao alcance de todos. Com isso, há a busca da integração dos interesses, raciocínio e informações que fazem com que o aluno atue operativamente nos diferentes níveis de escolaridade. Por isso, a educação de ser encarada como um processo de construção do conhecimento que ocorre como uma complementação, cujos lados constituem de professor e aluno e o conhecimento construído previamente.

Acreditamos que o ponto de partida dos problemas de aprendizagem está, nas relações estabelecidas no interior do cotidiano escolar, pois o vínculo entre professores e alunos configura elemento essencial para a aprendizagem. Queremos com isso dizer que, com a análise comparativa das idéias dos autores citados, fica claro a necessidade de se trabalhar voltado em especial para as necessidades afetivas dos nossos alunos. Onde o vínculo formado entre professor aluno vão se transformar em um aprendizado

realmente significativo, que fará toda a diferença no desenvolvimento socioeducativo de nossos educandos.

Nessa perspectiva, a escola necessita de um planejamento voltado para a humanização de seus conteúdos, onde estes tenham um significado voltado para realidade dos alunos e principalmente para suas necessidades afetivas. Onde o aluno tenha na escola um apoio de confiança que garanta seu desenvolvimento pleno dentro de suas possibilidades e potencialidades, capaz de modificar sua realidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a revisão de literatura, através desta pesquisa, oportunizou conhecer um pouco mais a respeito da visão de alguns teóricos sobre a temática pertinente ao objeto de estudo: “Afetividade na relação professor aluno sob o enfoque da Psicopedagogia”; foi observado que na maioria das vezes comungamos os mesmos conceitos que serviram de alicerce para o trabalho de futuros psicopedagogos. Onde frisamos a importância da afetividade no desenvolvimento do trabalho dos educadores junto aos alunos.

No contexto atual, é necessário que a escola procure comprometer-se, não apenas com o desenvolvimento cognitivo do educando, mas principalmente com seu desenvolvimento sócio emocional. O aprendizado oferecido dentro da instituição escolar, para ser bem sucedido não depende apenas de uma boa escola ou de bons programas, mas, em especial, de como o aluno é tratado e dos estímulos que recebe para aprender, bem como dos laços afetivos que são desenvolvidos entre esse educando e seu professor.

Portanto, concluindo sobre esse aspecto, que a afetividade tem um sentido pleno: está relacionada às vivências de adultos e crianças, motivação de professores e alunos e é determinante para a prática educativa. Conhecer o desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno possibilita ao professor melhorar ainda mais suas intervenções no sentido de ampliá-las por meio do diálogo. Por fim, a sugestão é que se priorize a afetividade em todos os relacionamentos, no espaço pedagógico e fora dele, para que, se

relacionando com seus sentimentos e emoções, o professor possa dar um salto qualitativo no processo ensino-aprendizagem de seus educandos.

Espera-se através deste estudo, ter contribuído para aqueles que buscam uma mudança em suas atitudes, e que pretendam facilitar o processo de aquisição de conhecimentos do aluno e de si mesmo, através da afetividade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1993.

BOSSA, N. A. **Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.

CHALITA, Gabriel. **Educação. A solução está no afeto**. São Paulo, 12ª edição. Ed. Gente, Brasília, 2004.

CODO, Wanderley (Coordenador) GAZZOTTI, Andréia Alessandra. **Educação carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: 3ª Edição. Ed. Vozes. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983.

FERNÁNDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e sua Família**. 2ª reed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREUD, S. **Esboço de psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MARCHAND, Marx. **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus, 1985.

MELLO, G. N. de. **Educação Escolar Brasileira: O que trouxemos do século XX?** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SCOZ, B. **Psicopedagogia – Contextualização, Formação e Atuação Profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TANAMASHI, E. de R. & MEIRA, M. E. M. A atuação do Psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia e Educação. Em M. A. M. Antunes (orgs) Psicologia Escolar: Práticas Críticas, São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo, 2003.

VYGOTSKY, J. S. **A Formação Social da mente.** São Paulo: Editora Papirus, 1994.

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da Criança.** Lisboa: Edições 70. 1968.